



Revista do Instituto de Estudos  
Brasileiros  
ISSN: 0020-3874  
[revistaieb@usp.br](mailto:revistaieb@usp.br)  
Universidade de São Paulo  
Brasil

Botelho, André  
A viagem de Mário de Andrade à Amazônia entre raízes e rotas  
Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, núm. 57, diciembre-, 2013, pp. 15-49  
Universidade de São Paulo  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=405641279002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

# A viagem de Mário de Andrade à Amazônia entre raízes e rotas

André Botelho<sup>1</sup>

## Resumo

O artigo propõe uma leitura do relato da viagem de Mário de Andrade à Amazônia, *O turista aprendiz*, valorizando contingências e ambiguidades na modelagem da narrativa e do narrador-viajante. Por isso, recusa assimilar de antemão o relato amazônico à literatura de viagem em geral ou mesmo à ideia de viagem etnográfica tão característica do relato de outra viagem do autor, ao Nordeste. Uma rápida comparação com os escritos de Euclides da Cunha permite ainda discutir intertextualidade, tradução cultural e ressignificação dos tropos dos relatos de viagem à Amazônia, e nos aproximarmos um pouco mais do sentido das ideias de Mário de Andrade, nunca livres de ambiguidades, às quais devem justamente sua força, alcance e interesse contemporâneos.<sup>2</sup>

## Palavras-chave

Mário de Andrade, Amazônia, relatos de viagem, civilização tropical, modernidade.

Recebido em 30 de abril de 2013

Aprovado em 5 de agosto de 2013

BOTELHO, André. A viagem de Mário de Andrade à Amazônia: entre raízes e rotas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 57, p. 15-50, 2013.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i57p15-50>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil).

<sup>2</sup> Este ensaio foi escrito durante minha estadia na Princeton University como *visiting fellow* no primeiro semestre de 2013 com apoio da Capes. Beneficiei-me das excelentes condições de trabalho e ambiente intelectual do Department of Spanish and Portuguese Languages and Cultures e, especialmente, da interlocução com Pedro Meira Monteiro, Arcádio Díaz-Quiñones e Lilia Moritz Schwarcz, a quem agradeço.

# Mário de Andrade's Journey to the Amazon Between Roots and Routes

André Botelho

## *Abstract*

The article proposes a reading on the Amazon trip by Mário de Andrade, *O turista aprendiz*, valuing contingencies and ambiguities in the modeling of the narrative and the Narrator-traveler. Therefore, refuses to assimilate beforehand the Amazon travelogue to travel literature in general or even the idea of ethnographic trip so characteristic of the author's other trip report, the one to Northeast. A quick comparison with the writings of Euclides da Cunha allows to discuss cultural translation and Intertextuality, and ressignification of the mandatory subjects on the Amazon travelogues and to get us a little closer to the sense of Mário de Andrade's ideas, never free of ambiguities which precisely owe his strength, reach and contemporary interest.

## *Keywords*

Mário de Andrade, Amazon, travelogues, tropical civilization, modernity.

Para Líli

“Em geral, concebemos as viagens como um deslocamento no espaço. É pouco. Uma viagem inscreve-se simultaneamente no espaço, no tempo e na hierarquia social.” Claude Lévi-Strauss, *Tristes trópicos*, 1955.



oucas vezes uma carta terá comunicado tão bem a complexidade das experiências de uma viagem como a que Mário de Andrade enviou a Manuel Bandeira em junho de 1927 da Amazônia, “Por esse mundo de águas” como identifica vagamente. E isso, mesmo se tratando de Mário de Andrade, notável missivista, mas viajante comedido, mais habituado a receber do que a enviar notícias de lugares distantes<sup>3</sup>. Mas como quantidade não é qualidade, apressem-nos a ponderar que suas viagens guardam um sentido próximo ao da “aventura”, tratado por Georg Simmel como uma experiência de ruptura com o fluxo do cotidiano, e também com certa abertura empática em relação ao desconhecido – ainda que, como tudo mais em Mário, isso não se realize sem tensões e ambiguidades<sup>4</sup>.

Na carta a Bandeira, Mário menciona um tipo de diário que estaria mantendo durante a viagem, ainda que se mostre – ou se dissimule – cético quanto ao destino dos apontamentos:

Vou tomado umas notinhas porém estou imaginando que viagem não produzira nada não. A gente percebe quando sairá alguma

<sup>3</sup> MORAES, Marco Antonio de (org.). *Tudo está tão bom, tão gostoso.* Postais a Mário de Andrade. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1993; MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar.* A epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2007.

<sup>4</sup> SIMMEL, Georg. *Sobre la aventura: ensayos filosóficos.* Barcelona: Península, 1988. Comparando os viajantes Mário de Andrade e Gilberto Freyre, José Lira percebe essa qualidade apontada por Simmel no primeiro em contraste com o segundo, cuja experiência de viagem seria marcada pela constatação e confirmação daquilo que já sabia e valorizava. Ver: LIRA, José T. C. de. Naufrágio e galanteio: viagem, cultura e cidades em Mário de Andrade e Gilberto Freyre. *Revista Brasileira de Ciências Sociais.* São Paulo, vol. 20, n. 57, p. 145-176, 2005.

coisa do que vai sentindo. Desta vez não percebo nada. O êxtase vai me abatendo cada vez mais. Me entreguei a uma volúpia que nunca possuí à contemplação destas coisas, e não tenho por isso o mínimo controle sobre mim mesmo. A inteligência não há meios de reagir nem aquele poucadinho necessário para realizar em dados ou em bases de consciência o que os sentidos vão recebendo.<sup>5</sup>

O trecho condensa, talvez, os problemas cruciais mais comuns de uma longa e, em verdade, muito diversificada e multifacetada “tradição” narrativa ocidental, genericamente identificada como “literatura de viagem”. Em seu centro, a tensão entre a experiência contingente do indivíduo, e das escritas de si, no caso de Mário tão marcada pelos sentidos (“êxtase”, “volúpia”, “contemplação”), e a sua codificação histórico-cultural e narrativa, a partir da qual vai ganhando inteligibilidade para o próprio viajante (“controle sobre mim mesmo”, “inteligência”, “consciência”). E é o reconhecimento dessa tensão criativa que nos convida a abrir mão de qualquer classificação apriorística do gênero e buscar qualificar a relação sempre mais contingente e complexa entre literatura “e” viagem. Relação que é vivida, lembrada, contada, reinventada, traduzida, negociada em cada relato no encontro do escritor com o “outro”<sup>6</sup>.

A carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira serve-nos, neste ensaio, de guia para uma apreciação do relato maior que Mário deixou da sua viagem à Amazônia. Ao que tudo indica, Mário afinal manteve os apontamentos de que dava notícias incertas na carta, e ainda os reviu posteriormente com a intenção de publicá-los como livro, tendo escrito para ele um prefácio datado de 30 de dezembro de 1943. Mas o relato seria publicado somente em 1976, ao lado do relato de outra viagem, ao Nordeste em fins de 1928 e inícios do ano seguinte, no livro *O turista aprendiz*, organizado por Telê Porto Ancona Lopez<sup>7</sup>. O relato da viagem à Amazônia, Mário chamou de “*O turista aprendiz*: viagens pelo Amazonas até o Peru pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega!”, numa

5 ANDRADE, Mário de. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Org. Marco Antonio de Moraes. São Paulo: Edusp; IEB-USP, 2000. p. 346.

6 Para uma visão geral sobre a literatura de viagem consultar: SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; HANNE, Michael (org.). *Literature and Travel*. Amsterdã; Atlanta: Rodopi, 1993; THOMPSON, Carl. *The Suffering Traveller and the Romantic Imagination*. Oxford: Oxford University Press, 2007, e *Travel Writing (The New Critical Idiom)*. Nova Iorque: Routledge, 2011.

7 ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

paródia ao título do livro de viagem de seu avô materno Joaquim Leite Moraes, escrito quando deixou São Paulo para assumir a presidência da Província de Goiás<sup>8</sup>.

Venho me ocupando do tema da viagem na obra de Mário de Andrade em duas dimensões: como meio de descoberta sentimental e intelectual do Brasil, crucial para o projeto modernista que deu vida de tornar o país familiar aos brasileiros<sup>9</sup>; e como meio de reavaliação das categorias de “empatia” e “autenticidade”, centrais na articulação da sua interpretação do Brasil como um todo e particularmente importantes na sua viagem à Amazônia<sup>10</sup>. Esta é ainda peça fundamental daquilo que Telê Porto Ancona Lopez designou de modo muito feliz como a “utopia amazônica” de Mário de Andrade, sua meditação sobre uma civilização tropical<sup>11</sup>.

O tema da viagem mostra-se, assim, estratégico para uma reavaliação dos seus escritos amazônicos, os quais, além do relato da viagem e algumas cartas da mesma época, envolvem ainda a narrativa *Balança*,

- 
- 8 MORAES, Joaquim A. Leite. *Apontamentos de viagem de São Paulo à capital de Goiás, desta à do Pará, pelos rios Araguaia e Tocantins e do Pará à Corte: considerações administrativas e políticas*. Org. Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- 9 BOTELHO, André. *De olho em Mário de Andrade*: uma descoberta sentimental e intelectual do Brasil. São Paulo: Claroenigma, 2012. Sobre a viagem como meio de conhecer e sentir o Brasil, ver também CANDIDO, Antonio. Oswald viajante. In: \_\_\_\_\_. *O observador literário*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008, p. 97-102.
- 10 BOTELHO, André. Filosofia da maleita: Mario de Andrade medita sobre uma civilização tropical. Trabalho apresentado no XI Congresso Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais. Salvador, UFBA, agosto de 2011; \_\_\_\_\_. Empatia e autenticidade em Mario de Andrade. Trabalho apresentado no 35º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, outubro de 2011; LIMA, Nísia Trindade; BOTELHO, André. Malária e civilização tropical em Carlos Chagas e Mário de Andrade. *História, ciência e saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, 2013, no prelo.
- 11 LOPEZ, Telê P. A. “Viagens etnográficas” de Mário de Andrade. In: ANDRADE, Mario de. *O turista aprendiz*, op. cit.; \_\_\_\_\_. *Mario de Andrade*. São Paulo: Hucitec, 1996; \_\_\_\_\_. O Turista Aprendiz na Amazônia: a invenção no texto e na imagem. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, vol. 15, n. 2, p. 155-164, jul.-dez. 2005. Após esses trabalhos pioneiros de Telê Porto Ancona Lopez, o tema da viagem em Mário de Andrade vem despertando progressivamente interesse, e contamos hoje com uma fortuna especialmente formada por teses acadêmicas, de que são exemplos: SANTOS, Manuela Assunção. *Mário de Andrade: um etnógrafo amador*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2002; e FARIA, Ana Maria R. de. *A viagem da fianeira*. A narrativa de *O turista aprendiz* e a escrita memorialística de Mário de Andrade. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2003. Ver ainda: LIRA, José T. C. de, op. cit.; e ROSENBERG, Fernando J. *The Avant-garde and Geopolitics in Latin America*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2006.

*Trombeta e Battleship ou o descobrimento da alma*, que Mário começou a escrever durante a viagem e permaneceu inédita até 1994, crônicas e artigos de jornais, como os publicados no *Diário Nacional*, além da talvez mais importante narrativa ficcional em prosa do modernismo brasileiro, *Macunaíma*, publicada em 1928<sup>12</sup>. Minha aposta é que nesse material disperso se desenha uma reflexão original sobre tema central na formação da sociedade brasileira e no debate sociológico mais amplo que a acompanha: as relações entre diversidades culturais e desigualdades sociais.

Vejo nos escritos amazônicos de Mário de Andrade uma concepção plural de civilização, em que há lugar para as diferenças e para uma convivência mais democrática entre diferenças sem ignorar, porém, a desigualdade social e os embates de poder aí envolvidos. Civilizações, e não apenas uma única civilização. A lição não é pequena se lembrarmos dos velhos e novos processos de homogeneização e padronização das condutas, sentimentos, imaginações e linguagens que, ainda que em novas configurações, nos perpassam contemporaneamente. Em suma, uma visão plural de civilização, mais sincrética que sintética.

Decisiva tem sido a investigação das operações de transfiguração positiva cheias de ironia, provocação e consequências dos estigmas que há muito marcavam negativamente a Amazônia, especialmente a malária, como aparece no relato da viagem e noutros textos associados a ele<sup>13</sup>. Na prostração posterior aos acessos da doença, Mário de Andrade imaginava poder entrever certos estados fisiológicos e psíquicos capazes de aplacar a “curiosidade”, que associa ao “progresso” como princípio básico da civilização industrial, e produzir relativa indiferença, por ele valorizada como meio de crítica do sentido que o processo social estaria assumindo. A essa sua reflexão inusitada sobre a doença, ou melhor, sobre a relação cultural dos homens amazônicos com a doença, Mário chamou de “filosofia da maleita”<sup>14</sup>.

A comparação com relatos de viagens à Amazônia de outros viajantes contemporâneos a Mário de Andrade, em especial em torno

<sup>12</sup> ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas* no Diário Nacional. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976; \_\_\_\_\_. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Paris: Association Archives de la Littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XXe siècle; Brasília: CNPq, 1988; \_\_\_\_\_. *Balança, Trombeta e Battleship ou o descobrimento da alma*. Edição genética e crítica de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Instituto Moreira Salles; IEB-USP, 1994.

<sup>13</sup> BOTELHO, André. Filosofia da maleita: Mario de Andrade medita sobre uma civilização tropical, op. cit., e Empatia e autenticidade em Mario de Andrade, op. cit.

<sup>14</sup> ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas* no Diário Nacional, op. cit.

do tema da malária, tem permitido uma aproximação menos genérica ao sentido das ideias do autor. É o caso da comparação com os relatos de Carlos Chagas que, de outubro de 1912 a abril de 1913, liderou a missão do Instituto Oswaldo Cruz de avaliação das condições sanitárias da região<sup>15</sup>. O relatório dessa viagem forjou uma imagem da Amazônia a partir da categoria de “patologia tropical” que reforçava o papel da higiene na integração da região distante a um único projeto civilizatório para o Brasil. Em contraste, o relato de viagem de Mário de Andrade nos coloca diante de uma empatia transfiguradora dos signos do atraso tropical, cujo sentido último é restituir dignidade aos seus portadores sociais, como no caso dos acometidos pela malária. Trata-se, no limite, de um recurso de crítica ao sentido de homogeneização da experiência social acarretado pela adoção de um único modelo de civilização.

No presente estudo, embora tendo essas questões mais gerais em vista, me volto especificamente para o próprio relato da viagem de Mário de Andrade à Amazônia com objetivo de discutir alguns processos cognitivos próprios que lhe dão vida e particularidade. Procuro problematizar a visão cristalizada sobre o tema da viagem no autor, bem como a tendência uniformizadora na apreciação dos seus diferentes relatos. Para nos aproximarmos mais das particularidades do viajante e do relato Amazônico que forja, é preciso considerá-lo empírica e analiticamente como material de pesquisa, e não como mero meio para acessar outros níveis de significados da obra do autor; bem como, estar atento às contingências e ambiguidades envolvidas nessas experiências – sempre significativas e, no caso de Mário de Andrade, decisivas na formação da sua sensibilidade e interpretação.

Não estarei pensando, portanto, a viagem a partir da dicotomia transitório/permanente que tem orientado em grande medida a recuperação dos relatos de viagem, como se a viagem fosse apenas ou preferencialmente um meio transitório para iluminar uma biografia ou obra. Antes, procuro tomar o potencial heurístico das formulações de James Clifford sobre os limites dessa naturalização da ideia de precedência de significados das “raízes” (*roots*) sobre as “rotas” (*routes*)<sup>16</sup>. Adaptando essa perspectiva aos meus objetivos, diria que o relato da viagem à Amazônia de Mário de Andrade não representa simplesmente um processo de comunicação e difusão de cultura, mas é ele mesmo constitutivo e cons-tituinte de significados culturais, que importa esclarecer.

<sup>15</sup> LIMA, Nísia Trindade; BOTELHO, André, op. cit.

<sup>16</sup> CLIFFORD, James. *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

“Amanhã se chega em Manaus e não sei que mais coisas bonitas enxergarei por este mundo de águas. Porém, me conquistar mesmo a ponto de ficar doendo no desejo, só Belém me conquistou assim.”<sup>17</sup> Cotejando a carta enviada a Manuel Bandeira ao diário da viagem, sabemos que Mário de Andrade então se aproximava de Manaus, vindo de Belém, o que terá ocorrido no dia 4 de junho. Ou seja, a carta terá sido escrita praticamente no meio da viagem à Amazônia, realizada entre 8 de maio e 15 de agosto de 1927. Naquele momento, o entusiasmo do viajante parece aplacado pelo ceticismo, como se o que estivesse por vir dificilmente pudesse superar ou ao menos se igualar ao já visto, vivido e sentido em Belém. Seu entusiasmo é tal, que confessa ao amigo seu ideal de “passar uns meses morando” no Grande Hotel de Belém, suspendendo, portanto, ao menos temporariamente, a condição de viajante: “O direito de sentar naquela *terrase* em frente das mangueiras tapando o Teatro da Paz, sentar sem mais nada, chupitando um sorvete de cupuaçu, de açaí, você que conhece mundo, conhece coisa melhor que isso Manu? Me parece impossível”<sup>18</sup>.

O encanto com Belém, verdadeiro amor despertado, e a necessidade que já teria de revê-la, “absoluta fatalizada do meu organismo inteirinho”, são expressas com contundência incomum, como um arrebatamento sexual, pelo que Mário chega a, polido, se desculpar com o correspondente: “Belém eu desejo com dor, desejo como se deseja sexualmente”<sup>19</sup>. Ao leitor de hoje, talvez, o paralelo da confissão seja menos desconcertante do que a afirmação que o justifica: “Olha que tenho visto bem coisas estupendas. Vi o Rio em todas as horas e lugares, vi a Tijuca e a Sta. Teresa de você, vi a queda da Serra pra Santos, vi a tarde de sinos em Ouro Preto e vejo agorinha mesmo a manhã mais linda do Amazonas”. Por certo que para os padrões atuais de mobilidade, deslocamentos espaciais e viagens, Mário de Andrade teria “visto” pouco, seria um viajante pouco experiente para um homem de 34 anos de idade, de classe média e altamente instruído e cultivado. Anacronismos de lado, mesmo para os padrões da época os lugares arrolados como objeto de saudade são singelos, ainda mais quando comparados aos hábitos cosmopolitas

<sup>17</sup> ANDRADE, Mário de. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, op. cit., p. 345.

<sup>18</sup> Idem, ibidem.

<sup>19</sup> Idem, ibidem, p. 345-346.

de viagem mesmo entre a elite paulista de então. E depois da viagem à Amazônia, Mário de Andrade faria apenas mais uma viagem longa, ao Nordeste.

Para quem vivia do próprio trabalho, e ainda por cima financiava a publicação dos seus livros, limitações materiais existiam, naturalmente. Para a viagem à Amazônia, como nos deixa entrever no diário, Mário toma empréstimo com Paulo Prado, mecenas dos modernistas paulistas a quem dedica o seu *Macunaíma* (1928). Para a do Nordeste, encontra outros meios próprios: viaja como correspondente do *Diário Nacional*, enviando seus relatos como entradas de um diário – mesma estrutura narrativa do relato amazônico – para a coluna Turista Aprendiz. Mas as questões financeiras não determinam sozinhas o tipo de viajante em que se forja. Mesmo porque houve novas oportunidades e em melhores condições materiais para outras viagens, inclusive ao exterior, que conheceu apenas cruzando fronteiras amazônicas do Brasil com o Peru e com a Bolívia, ou mesmo voltar ao Nordeste e ao Norte. Por exemplo, quando dirigiu o Departamento de Cultura de São Paulo, entre 1935 e 1938. Por sua iniciativa e sob sua orientação intelectual, a Missão de Pesquisas Folclóricas, integrada por Luiz Saia, Martin Braunwieser, Benedicto Pacheco e Antônio Ladeira, refez em 1938, em grande medida, o seu itinerário da década anterior, tendo visitado Ceará, Pernambuco, Paraíba, Piauí, Maranhão e Pará<sup>20</sup>. Apesar de tudo isso, Mário não reviu a “sua” Belém pessoalmente. Mas a cidade tampouco parece ter se esquecido dele<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> Consultar Instituto Nacional do Folclore, *Mário de Andrade e a Sociedade de Etnografia e Folclore no Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo (1936 – 1939)*. Rio de Janeiro: Funarte; INF; São Paulo: Secretaria de Cultura, 1983; TRAVASSOS, Elisabeth. *Os mandarins milagrosos. Arte e etnografia em Mário de Andrade e Béla Bartók*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Funarte, 1997; VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro 1947 – 1964*. Rio de Janeiro: Funarte; FGV, 1997; BARBATO JR., Roberto. *Missionários de uma utopia nacional-popular. Os intelectuais e o Departamento de Cultura de São Paulo*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004.

<sup>21</sup> BASSALO, Célia Coelho; COELHO, Joaquim Francisco. *Mário de Andrade no Pará*: os sucessos e documentos da viagem e algumas considerações sobre o modernismo. *Revista de Cultura do Pará*. Belém, ano 5, n. 12-13, jul.-dez. 1973. Em 2012, a Secretaria de Estado de Cultura do Pará (Secult) promoveu ampla programação comemorativa dos 85 anos da visita de Mário de Andrade a Belém. Não foi iniciativa isolada, uma vez que os relatos de viagem reunidos em *O turista aprendiz* estão certamente entre os textos de Mário de Andrade que vem conhecendo maior e mais ampla recepção, ainda que não exclusivamente acadêmica. São exemplos as coleções do estilista Ronaldo Fraga neles inspiradas: “Turista aprendiz na terra do Grão-Pará” (Verão 2012 – 2013) e “O turista aprendiz” (verão 2010 – 2011); a turnê, de dezembro de 2004 a fevereiro de 2005, do grupo A Barca por mais de nove es-

Conhecer o Brasil e dar a conhecer o Brasil em seus relatos de diferentes tipos era parte importante do projeto modernista que, afinal, pode mesmo ser resumido como o esforço de tornar o Brasil familiar aos brasileiros, o que implicava, obviamente, familiarizar-se com ele. E Mário de Andrade chegou ao Brasil por meio de formas variadas, sentimental e intelectualmente, de modo direto em viagens pelo país e também indiretamente em torno das estantes através de muitas leituras<sup>22</sup>. Isso não significa, porém, que se possa tomar as viagens de Mário de Andrade pelo Brasil simplesmente como parte de um plano mais ou menos articulado de expansão das áreas de influência do modernismo paulista. É certo que Mário foi mesmo o modernista paulista que mais se “nacionalizou”, mas isso não significa apenas a expansão geopolítica de sua influência cultural e de política cultural sobre o território nacional, mas também que ele se abriu às diferenças regionais e soube aprender com elas ampliando seu campo de visão e seu modo de ver<sup>23</sup>.

*Macunaíma* e os outros textos amazônicos de Mário de Andrade, como tão bem observaram Gilda de Mello e Souza<sup>24</sup> e Telê Porto Ancona Lopez<sup>25</sup>, condensam o ideal utópico de desgeografizar o Brasil, aproximando regiões, culturas e diferenças, e não só dentro do Brasil. Como na entrada do dia 20 de maio, em que Mário afirma:

Belém é a cidade principal da Polinésia. Mandaram vir uma imigração de malaios e no vão das mangueiras nasceu Belém do

---

tados e cerca de trinta cidades brasileiras, realizando o projeto Turista Aprendiz, reunindo um notável acervo sobre cultura popular e do qual resultaram CDs e DVD homônimo apresentando a experiência da viagem; a Sala Especial Turista Aprendiz na 18ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1985, com ensaio fotográfico de Sheila Maureen Bisilliat inspirado no livro; e, entre outras apropriações, o relato do jornalista Miguel de Almeida que refez parte da viagem de Mário, *Trilha dos Trópicos. Refazendo o Turista aprendiz*. São Paulo: Marco Zero, 1982.

- 22 LOPEZ, Telê P. A. *Mario de Andrade*: ramais e caminhos. São Paulo: Duas Cidades, 1972, “Viagens etnográficas” de Mário de Andrade, op. cit., e O Turista Aprendiz na Amazônia: a invenção no texto e na imagem, op. cit.
- 23 Consultar SANDRONI, Carlos. *Mário contra Macunaíma*. São Paulo: Vértice, 1988; BERRIEL, Carlos Eduardo O. (org.). *Mário de Andrade hoje*. São Paulo: Ensaio, 1990; BATISTA, Marta Rossetti (org.). *Coleção Mário de Andrade*: artes plásticas. São Paulo: IEB-USP, 1998; \_\_\_\_\_. *Coleção Mário de Andrade*: Religião e magia, música e dança, cotidiano. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004; JARDIM, Eduardo. *Mario de Andrade*: a morte do poeta. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005; SANTIAGO, Silviano. Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil. *Alceu*, vol. 5, n. 10, p. 5-17, jan.-jun. 2005.
- 24 SOUZA, Gilda de Mello. *O tupi e o alauíde*: uma interpretação de Macunaíma. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.
- 25 LOPEZ, Telê P. A. “Viagens etnográficas” de Mário de Andrade, op. cit.

Pará. Engraçado é que a gente a todo momento imagina que vive no Brasil mas é fantástica a sensação de estar no Cairo que se tem. Não posso atinar porque... Mangueira, o Cairo não possui mangueiras evaporando-se das ruas... Não possui o sujeito passeando com um porco-do-mato na correntinha...<sup>26</sup>

Entre os lugares visitados e utilizados como parâmetros, em 1927, para avaliar seu encantamento por Belém, ao lado de locais no Rio de Janeiro e em São Paulo (“vi a Tijuca e a Sta. Teresa de você, vi a queda da Serra pra Santos”), está Ouro Preto, que Mário conheceu numa viagem igualmente memorável em 1924. Embora não tenha deixado dela relatos do tipo com que estamos trabalhando<sup>27</sup>, por certo, a viagem a Minas Gerais teve consequências cruciais para os rumos do trabalho artístico e crítico de Mário de Andrade, bem como para os destinos do modernismo como um todo. Refiro-me à segunda viagem de Mário às atuais cidades históricas de Minas Gerais, e que passou para a história do modernismo brasileiro como a viagem de “descoberta do Brasil”<sup>28</sup>. Não a primeira, de 1919, quando vai a Mariana para uma conferência na Congregação da Imaculada Conceição da Igreja de Santa Efigênia e acaba por descobrir o barroco e a obra de Aleijadinho. Temas a que se dedicaria ao longo da vida e que reúnem alguns dos elementos mais importantes da sua personalidade: fé, sensibilidade estética e curiosidade histórica<sup>29</sup>.

A caravana modernista a Minas na Semana Santa de 1924, após um carnaval dionisíaco no Rio de Janeiro, composta por artistas paulistas e seus mecenás, como Mário, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Paulo Prado, Olívia Guedes Penteado, René Thiollier e, entre outros, o poeta franco-suíço Blaise Cendrars, percorreu a Minas Gerais colonial deliciando-se com as cidadezinhas, a música, a imaginária religiosa. A descoberta fundamental do grupo, porém, foi a de que o primitivismo estético, então valorizado pelas vanguardas europeias que nos serviam

<sup>26</sup> ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*, op. cit., p. 65.

<sup>27</sup> Exceção importante é o relato que Mário faz em “Crônicas de Malazarte VIII” (1924). BATISTA, Marta Rossetti; LOPEZ, Telê P. A.; LIMA, Yone Soares de. *Brasil: 1º tempo modernista: 1917 – 1929*. Documentação. São Paulo: IEB-USP, 1972. p. 109-115.

<sup>28</sup> AMARAL, Aracy. *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas*. São Paulo: Martins, 1970; EULÁLIO, Alexandre. *A aventura literária de Blaise Cendrars*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2001; CORTEZ, Luciano. Por ocasião da descoberta do Brasil: três modernistas paulistas e um poeta francês no país do ouro. *O eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*. Belo Horizonte, vol. 19, n. 1, p. 15-58, 2010.

<sup>29</sup> MONTEIRO, Pedro Meira. “Coisas sutis, ergo profundas”: O diálogo entre Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: correspondência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

de referência e, em alguns casos, de simples modelo a ser imitado, no nosso caso encontrava-se não em lugares distantes e exóticos, mas como que entranhando em nossa própria sensibilidade. Essa “descoberta”, que surpreendentemente tornava sincrónicos o passado brasileiro e as vanguardas europeias, foi formulada de modos próprios e virtualmente concorrentes nas poesias e programas estéticos de Oswald de Andrade e Mário de Andrade, para não falar da pintura de Tarsila do Amaral<sup>50</sup>.

A caravana modernista a Minas Gerais está também na origem da viagem à Amazônia; é um dos seus pontos de partida. Ainda que as experiências do viajante não se repitam e tendam mesmo a ser vivenciadas como únicas, ele sempre poderá levar para a próxima algo aprendido na última viagem. Sendo econômico, dois aspectos fundamentais desse aprendizado podem ser apontados, peças fundamentais do projeto modernista de Mário de Andrade de desrecalque da cultura brasileira. O primeiro, o quanto a descoberta familiar sem exotismos do primitivismo em Minas se mostra crucial também para a percepção e construção tão cheias de provocação, ironia e crítica que Mário faria sobre os estigmas que há muito assolavam a Amazônia, como o clima, a malária, a preguiça.

Para dar apenas um exemplo, vejamos o clima, as altas temperaturas equatoriais que aparecem como *tópoi* nos relatos de viagem à Amazônia<sup>51</sup>. Há várias passagens deliciosas que as evocam com humor, ironia e muita empatia no relato do turista aprendiz. Numa delas, do dia 20 de maio em Belém, Mário anotou o hábito do paraense de, embora afirmando as altas temperaturas da cidade, sempre ressalvar que “o dia de hoje está excepcional”<sup>52</sup>. Para na sequência afirmar: “De cinco em cinco minutos saio do banho e me enxugo todo, sete lenços, dezessete lenços, vinte-e-sete lenços... Felizmente que trouxe três dúzias e hei-de ganhar da lavadeira”<sup>53</sup>.

50 AMARAL, Aracy. op. cit.; EULÁLIO, Alexandre. op. cit.; CORTEZ, Luciano. op. cit.; BOTELHO, André. *De olho em Mário de Andrade: uma descoberta sentimental e intelectual do Brasil*, op. cit.

51 ROSS, Peter. Don't Trust the Locals. European Explorers in Amazonia. In: HANNE, Michael (org.). op. cit.; SCHWEICKARDT, Júlio; LIMA, Nísia Trindade. Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia: as viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910 - 1915). *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*. Rio de Janeiro, vol. 14 (suplemento), 2007, p. 15-50; BASTOS, Elide Rugai; PINTO, Ernesto Renan M. F. (orgs.). *Vozes da Amazônia. Investigação sobre o pensamento social brasileiro*. Manaus: Editora da Universidade Federal da Amazônia, 2007; HARDMAN, Francisco Foot. *A vingança da Hileia. Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

52 ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*, op. cit., p. 63.

53 Idem, ibidem.

Noutras passagens, aplicado, o narrador vai anotando os nomes dos lugares por onde passa, alguns chamam a sua atenção pelo “desejo de vento refrescante” que encerram: “Canto da viração”, “Chapéu virado” etc.<sup>54</sup> Ou ainda essa passagem tão emblemática, na entrada do dia 23 de maio: “Em Belém o calorão dilata os esqueletos e meu corpo ficou exatamente do tamanho da minha alma”<sup>55</sup>. Perspectiva reiterada em entrevista que Mário concedeu ao *Diário Nacional*, em 20 de agosto de 1927, após seu retorno a São Paulo da Amazônia:

- Sofreu muito calor?
- O calor é um calor sem parada, malfeitor. Acho, porém, que menos irritante que o daqui, porque em S. Paulo o tempo é muito variável. No Norte, a gente acaba se esquecendo do calor, tão quotidiano como o dia. Vantagem da imutabilidade...<sup>56</sup>

O segundo aspecto do aprendizado de uma viagem à outra é mais contingente e, por isso mesmo, muito importante na modelagem das feições próprias do viajante e do relato que fez da Amazônia – e que, a meu ver, não devem ser assimiladas às da viagem ao Nordeste. Ao que tudo indica, a ideia era reeditar em 1927 a caravana modernista de 1924, ao menos para Mário que tinha com a Amazônia, região então ainda muito pouco conhecida no restante do Brasil, uma relação sentimental e intelectual mais antiga, cultivada desde a juventude, como indica um dos seus primeiros artigos de jornal, “A divina preguiça”, de 1918. Somente a bordo no Rio de Janeiro, porém, Mário parece ter se dado conta que aquela combinação entre descoberta do Brasil e irreverência modernista da viagem anterior não se reeditaria em águas e terras amazônicas.

Mário viajou durante três meses sem seus amigos mais chegados, como único varão, ao lado de dona Olívia Guedes Penteado, dama da aristocracia cafeeira paulista e mecenas dos modernistas, logo alcunhada pela sabedoria popular na viagem de “Rainha do Café”, mais sua sobrinha, Margarida Guedes Nogueira (Mag, no relato) e Dulce do Amaral Pinto (Dolur), filha de Tarsila do Amaral. Como o grupo viajava ecomendado aos presidentes dos Estados e a outras autoridades locais pelo então presidente do Estado de São Paulo e logo adiante da República do Brasil, Washington Luís Pereira de Souza, amigo de dona Olívia, as

---

<sup>54</sup> Idem, ibidem, p. 64.

<sup>55</sup> Idem, ibidem, p. 67.

<sup>56</sup> Idem. *Entrevistas e depoimentos*. Org. Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. p. 28.

situações protocolares se repetiram de porto em porto até Iquitos, no Peru, e de estação em estação pela Madeira-Mamoré até a Bolívia, aonde chegaram<sup>57</sup>. Nem é preciso dizer o quanto isso irritou Mário, que, ainda por cima, fora incumbido por dona Olívia de fazer os discursos de agradecimento pela hospitalidade recebida em nome dos viajantes. Ademais, seus contatos com a cultura e com a população local passavam a ser mediados, ao menos inicialmente, pelos protocolos oficiais. Somente na volta para São Paulo, a bordo do Baependi, eles se encontrariam com Oswald e Tarsila, que regressavam da Europa, reencontro sobre o qual, porém, Mário não parece ter deixado nenhum registro relevante.

## II

Não sei se já contei pra você que por aqui vou bancando o jornalista célebre. Fazem tudo por nos agradar é lógico que por causa de Dona Olivia e eu passo por homem ilustre e grande inteligência aí do Sul. Só vendo quanta amabilidade e quanta coisa preparada só pra gente. Navegamos no mel. Se não fosse a cacetada dos protocolos oficiais, palavra que não faltava nada pra isto ser um paraíso pra mim. Imagine porém que até um discurso de improviso tive de fazer respondendo a uma saudação do Dionísio Bentes, presidente do Pará! Sou incapaz de improvisar. Falei um quarto de dúzia de coisas familiares e me assentei tremendo feito bobo. Pelo menos asneira creio que não sai nenhuma não.<sup>58</sup>

As contrariedades impingidas ao viajante, que precisou aprender a lidar com as contingências da sua viagem à Amazônia, podem ajudar a entender o partido literário às vezes fantástico tomado por Mário em seu relato, como se a “imaginação” e a “ficção” constituíssem também um tipo de refúgio das caceteações que a “realidade” lhe impunha. Dessas deixou notícias tanto do diário de viagem quanto na carta a Bandeira. A mesma recepção referida na carta e agora citada aparece n’*O turista aprendiz*, assim descrita na entrada do dia 20 de maio:

Visita oficial e almoço íntimo com o presidente. Íntimo? Depois do sal, o prefeito se ergueu com champanha na taça, taça! Fazia

---

57 Esse caráter quase oficial da viagem à Amazônia já havia se verificado pelo mesmo motivo (a presença de dona Olívia) na caravana modernista a Minas, ainda que de modo mais difuso e em escala bem menor. Ver: CORTEZ, Luciano. op. cit., p. 17.

58 ANDRADE, Mário de. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, op. cit., p. 346.

já bem tempo que com meus amigos ricos paulistas eu não bebia champanha em taça... Pois é: ergueu a taça e fez um discurso de saudação a dona Olívia. Aí é que foi a história. Aliás desde que o homenzinho se levantou fiquei em brasas, era fatal, eu teria que responder! Pois foi mesmo: nem bem o prefeito terminou que dona Olívia me espiou sorrendo e com leve, mas levíssimo sinal de espera me fez compreender que a resposta me cabia, nunca no mundo improvisei! Veio uma nuvem que escureceu minha vista, fui me levantando fatalizado, e veio uma ideia. Ou coisa parecida. Falei que tudo era muito lindo, que estávamos maravilhados, e idênticas besteiras verdadeiríssimas, e soltei a ideia: nos sentíamos em casa (que mentira!) que nos parecia que tinham se eliminado os limites estaduais! Sentei como quem tinha levado uma surra de pau. Mas a ideia tinha... tinham gostado. Mas isso não impediu que a champanha estivesse estragada, uma porcaria.<sup>39</sup>

Como a vida a bordo dos vaticanos S. Salvador e Vitória, as situações protocolares em que se vê envolvido logo após os desembarques marcam o cotidiano do viajante, tal como ele nos dá a conhecer por meio de seu relato. Naturalmente, a viagem não é feita apenas de aborrecimentos ou contrariedades. Volúvel, na entrada seguinte do diário, Mário diz: “Passeamos o dia inteiro e já me acamaradei com tudo. Estou lustroso de felicidade”<sup>40</sup>. E ainda que não cheguem a formar uma polaridade rígida, há certo balanceio no texto do diário entre situações oficiais, como um polo negativo, e não oficiais, como polo positivo. Entre eles transcorre a existência de viajante amazônico do narrador e seus contatos com as pessoas e culturas locais.

Poder-se-ia mesmo ponderar que há certa implicância por parte de Mário de Andrade com as situações oficiais durante a viagem. Na citação anterior, por exemplo, o champanha é servido em taças, hábito há muito fora de uso entre os seus amigos ricos de São Paulo, como, ferino, faz questão de registrar. A bebida lhe parece uma “porcaria” – sem sabermos bem se pela baixa qualidade ou se a situação oficial que o azeda para o orador involuntário; diz “besteiras verdadeiríssimas” aos anfitriões, aparentemente para ao mesmo tempo adulá-los e deles se livrar o mais rápido. Do mesmo modo como lhe desagradam as reformas urbanas das cidades grandes por que passa, especialmente Manaus, que lhe parece

39 Idem, *O turista aprendiz*, op. cit., p. 62-63.

40 Idem, ibidem, p. 63.

artificialmente parisiense, expressões no espaço da bovarismo de uma elite oligárquica forjada na *Belle Époque* do látex<sup>41</sup>.

Em geral, os contatos que Mário se vê obrigado a manter com os ricaços e as autoridades locais durante a viagem à Amazônia são claramente marcados por impaciência e irreverência subversivas, como sugere a chave irônica e às vezes abertamente cômica com que são quase sempre tratados. Como na chegada a Iquitos, no Peru:

Caceteações de recepção oficial, uma centena de apresentações. O presidente da província, todo de branquinho, um peruanito pequenito, chega, vai no salão, senta troca trinta e quatro palavras com dona Olívia, se levanta militarmente e parte. Então o secretário dele ou coisa que o valha, me avisa que ele espera em palácio, a retribuição da visita dentro de duas horas exatas! Como os reis em Londres ou na Itália, viva o protocolo! [...] Homem! Sei que sentei na cama desanimado, me deu vontade de chorar, de chamar por mamãe... Em palácio, recepção alinhada, tudo de branco. Tive que fazer de novo o improviso que fizera pela primeira vez em Belém e repetira já várias vezes, sempre que encontrava discurso para dona Olívia pela frente.<sup>42</sup>

Em contraste, as situações não oficiais, especialmente quando envolvem contatos com os homens e mulheres do povo e suas formas de sociabilidade, crenças e expressões artísticas, são as que interessam ao narrador, que despertam sua curiosidade e com as quais estabelece relações empáticas. Por exemplo, na entrada do dia 15 de junho, em que relata a conversa com o senhor idoso e enfermo de Remate de Males, localidade na região do Alto Solimões, passageiro da terceira classe do barco em que ele próprio ocupava a primeira classe, Mário não hesita em afirmar: “só quem sabe mesmo alguma coisa é gente ignorante de terceira classe”<sup>43</sup>.

41 DIAS, Edneia Mascarenhas. *A ilusão do Fausto: Manaus, 1890-1920*. Manaus: Valer, 1999; LIRA, José T. C. de. op. cit.

42 ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*, op. cit., p. 115.

43 Idem, ibidem, p. 100. Remate de Males, a propósito, é topônimo que deu título ao livro de poesias publicado três anos depois da viagem, em 1930, no qual o afastamento dos embates modernistas mais imediatos permitiu à poesia de Mario tornar-se mais subjetiva e de um lirismo amoroso que mistura a paisagem com estados afetivos. Subjetividade e lirismo, porém, não excluem sensibilidade social, e o eu poético de Mário de Andrade fala muito também da sociedade de que é parte. Aspectos recursivos em sua obra e que ganham contornos definidos no fim da vida, por exemplo, nos dois livros inéditos acrescentados à reedição de Poesias (1941), *A costela do grão cão* e *Livro azul*. Nestes, os versos que parecem ditados pelo balan-

A empatia constitui chave para compreensão do relato da viagem à Amazônia e da importância deste na trajetória e na obra de Mário de Andrade<sup>44</sup>. Marque-se, agora, o quanto as oposições que desenham o relato e embalam de jeito próprio o leitor entre, de um lado, situações oficiais e contatos com o universo dos ricaços locais, e situações não oficiais envolvendo homens e mulheres do povo, de outro, ajudam a esclarecer que Mário de Andrade não estava exatamente envolvido com qualquer construção identitária idealizada da Amazônia. Como se acreditasse em algo como uma identidade amazônica (*i.e.*, brasileira) homogênea e autocentrad. Diversidades culturais nunca são desacompanhadas, no relato, da percepção das desigualdades sociais. Essas são questões importantes que o relato da viagem à Amazônia ajuda a iluminar em relação ao conjunto da obra de Mário de Andrade, e que podem ajudar a problematizar certas interpretações mais apressadas das suas relações intelectuais, políticas e sentimentais com o universo popular.

As contingências da viagem têm consequências cruciais para a modelagem do relato e do viajante que se forjam entre o plano traçado e as adversidades e também surpresas agradáveis encontradas pelo caminho. A centralidade assumida pela imaginação e pela ficção marcadas pelo insólito e mágico como recurso e linguagem no relato da viagem à Amazônia parece diretamente ligada às contingências acima apontadas. É claro que considerar as contingências que teriam ocorrido para modelar o relato não implica ignorar que os apontamentos feitos durante a viagem possam ter sido trabalhados artisticamente posteriormente, já que foram revisto pelo autor para publicação (e não se conhecem os apontamentos manuscritos da viagem).

Embora não tenha firmado nenhum compromisso com a verossimilhança etnográfica de matriz realista ou naturalista, o procedimento ficcional ressalta do relato da viagem à Amazônia, sobretudo, quando comparado ao da viagem ao Nordeste, na qual, munido dos instrumentos de que dispunha pôde se dedicar ao seu plano de pesquisa musicológica, ainda que, inevitavelmente, sempre dentro também das contingências que concorreram para modelá-la. Telê Porto Ancona Lopez resume

---

ço de toda uma vida confrontam utopia e pessimismo, e a subjetividade do poeta torna-se tomada de consciência crítica em relação à miséria e as desigualdades sociais brasileiras. Ver LAFETÁ, João Luiz. *Figuração da intimidade: imagens na poesia de Mário de Andrade*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

44 LOPEZ, Telê P. A. “Viagens etnográficas” de Mário de Andrade, op. cit., e O Turista Aprendiz na Amazônia: a invenção no texto e na imagem, op. cit.; BOTELHO, André. *De olho em Mário de Andrade: uma descoberta sentimental e intelectual do Brasil*, op. cit.

muito bem a relação entre real e ficcional no relato amazônico chamando a atenção para como forma e conteúdo são, também neste caso, indissociáveis:

[Mário] fará ficção a partir da própria realidade experimentada ou observada, fazendo questão de explorá-la em dois aspectos: o real, e o ficcional, partindo desse mesmo real. Nesse sentido, é bastante auxiliado por sua concepção de realidade sul-americana, uma vez que, instrumentado pelo senso crítico, consegue entender que, dentro de uma ótica europeia, marcada pelo racionalismo, acostumada a um mundo tecnizado, nossa realidade seria o maravilhoso instaurado em sua peculiaridade, sensível a uma abordagem surrealista, que procura denunciar a impropriedade dessa mesma ótica. O maravilhoso possibilita o autor trabalhar com a narração, evitando a descrição do já repetido e reiterado. Percebendo a hipérbole como elemento constitutivo da paisagem e da própria vida da região, evita-a em sua linguagem, transformando-a no insólito narrativo.<sup>45</sup>

Exemplo mais emblemático desses processos são as duas sociedades indígenas que Mário de Andrade inventa e caracteriza no relato, sobretudo, com base em seus vastos conhecimentos musicais: os Pacaás Novos e os Índios Dó-Mi-Sol. Os primeiros se comunicam quase exclusivamente por meio do corpo, e não por um sistema linguístico convencional. Por meio de um informante e tradutor que domina a linguagem foneticamente organizada de Mário e a corporal compartilhada com os índios, ficamos sabendo que essa característica dos Pacaás Novos se prendia a um código de pudor próprio, segundo o qual o “som e o dom da fala são imoralíssimos e da mais formidável sensualidade”<sup>46</sup>. Por isso, igualmente, tinham as orelhas e narizes como as partes mais íntimas do corpo e traziam as suas cabeças sempre cobertas com exceção dos olhos, mas não as genitálias. “Escutar, pra eles, é o que chamamos de pecado mortal. Falar pra eles é o máximo gesto sexual”<sup>47</sup>. Em contraste, os “Índios Dó-Mi-Sol” possuíam uma sociabilidade intrinsecamente musical, que os dotava de uma complexa cultura que dava “sentido intelectual aos sons musicais e valor meramente estéticos aos sons articulados e palavras. O

---

45 LOPEZ, Telê P. A. *O Turista Aprendiz na Amazônia: a invenção no texto e na imagem*, op. cit., p. 40.

46 ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*, op. cit., p. 91.

47 Idem, ibidem, p. 92.

nome da tribo, por exemplo, eram os dois intervalos ascendentes, que em nosso sistema musical, chamamos dó-mi-sol”<sup>48</sup>.

Essa etnografia imaginária, por assim dizer, é bem meditada, pois nela, além de paródia, humor e provocação modernistas, entram também conhecimentos acumulados em leituras especializadas sobre cosmologia ameríndia<sup>49</sup> e conhecimentos musicais que constituem, em verdade, o eixo da trajetória e da sistematização intelectual de Mário de Andrade<sup>50</sup>. Sobre esses conhecimentos musicais, Flávia Toni chama atenção para o fato de os povos ameríndios ficcionalmente recriados no relato expressarem justamente a consolidação da percepção de Mário de Andrade sobre a existência diferenciada de relações com a sonoridade entre diferentes grupos sociais, culturas e sociabilidades. A diversidade de escalas musicais e intervalos possíveis e as indagações e percepções referentes a novos universos sonoros ampliam sobremaneira a perspectiva do professor do Conservatório Dramático Musical de São Paulo<sup>51</sup>. Questões fundamentais para o pesquisador musical em que se transformou e para as ideias que defendeu a esse propósito, como se pode ler, por exemplo, no *Ensaio sobre a música brasileira*, publicado, como *Macunaíma*, no ano seguinte da viagem à Amazônia<sup>52</sup>.

Essa abertura e ampliação do universo cultural de referências do viajante ganha tratamento quase didático em algumas passagens do relato de viagem. Com recursos retóricos bastante característicos da prosa do modernista cujo fim último parece ser o de compartilhar a empatia experimentada pelo viajante, também empregados noutros textos<sup>53</sup>, o relato acaba por realizar um hábil exercício de relativização cultural. Assim, em passagens chave, os “nativos” ganham voz em diálogos com o viajante, que ademais não se limita a transcrever suas falas entre aspas para diferenciá-las e hierarquizá-las em relação as suas próprias. Como na conversa com o indígena no rio Nanay, um dos três rios em volta da

48 Idem, ibidem, p. 127.

49 LOPEZ, Telê P. A. *Mario de Andrade: ramais e caminhos*, op. cit., e O Turista Aprendiz na Amazônia: a invenção no texto e na imagem, op. cit.

50 SOUZA, Gilda de Mello. O professor de música. In: \_\_\_\_\_. *A ideia e o figurado*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2005.

51 TONI, Flávia Camargo. *O pensamento musical de Mário de Andrade*. 1990. 203 f. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1990.

52 ANDRADE, Mário de. *Ensaio sobre a música brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006.

53 BOTELHO, André. *De olho em Mário de Andrade: uma descoberta sentimental e intelectual do Brasil*, op. cit.

cidade de Iquitos no Peru, com quem tentava sem sucesso conseguir folha de coca, recriado na entrada de 24 de junho:

— [...] O senhor ontem falou pra aquele moço que quase não tem boca, que era pena ver a gente, preferia ver Inca... [o indígena]  
Eu estava com raiva de não conseguir coca e:

— Falei sim. Os Incas são um povo grande, de muito valor. Vocês  
são uma raça decaída. [o viajante]

Ele molhou os olhos nos meus sério:

— O que é “decaída”?

— É isso que vocês são. Os Incas possuíam palácios grandes.  
Possuíam anéis de ouro, tinham cidades, imperadores vestidos  
com roupas de plumas, pintando deuses e bichos de cor. Traba-  
lhavam, sabiam fitar, faziam potes muito finos, muito mais bonitos  
que os de vocês. Tinham leis...

— O que que é “leis”?

— São ordens que os chefes mandam que a gente compra, e a gente  
é obrigado a cumprir senão toma castigo. A gente é obrigado a  
cumprir essas ordens porque elas fazem bem pra todos.

— Será?

— Será o quê?

— Será que elas fazem mesmo bem pra todos...

Os olhos dele estavam insuportáveis de malícia.

— Fazem sim. Se você tem casa e tem mulher, então é direito que  
um outro venha e tome tudo? Então o imperador baixa uma ordem  
que o indivíduo que rouba a casa e a mulher do outro, tem de ser  
morto: isso é que é uma lei [...].

— A gente possui lei também.

— Mas são decaídos, não fazem nada. Onde se viu passar o dia  
dormindo daquela forma. Por que vocês não fazem tecidos, vasos  
bonitos... Uma casa direita, de pedra, e não aquela maloca suja,  
duma escureza horrorosa...

O huitôta se agitou um bocado. Agarrou remando com muita regu-  
laridade, olhos baixos pra esconder a ironia luminosa que morava  
nos olhos dele. E se pôs falando com a monotonia das remadas,  
depois de acalmar a expressão e poder me olhar sério de novo:

— Moço, pode botar tudo isso na cantiga, que está certo pro  
senhor... Se o senhor me entendesse na minha fala eu contava  
melhor... Vossa fala, sei pouco. O senhor fala que a gente é decaída

porque não possui mais palácio, está certo, porém os filhos do Inca também não possuem mais palácios não, só malocas.<sup>54</sup>

O viajante assume assim em sua fala, retoricamente, um ponto de vista preconceituoso sobre as culturas locais, provavelmente o mesmo do seu grupo social de origem e dos leitores que tinha em mente. Mas apenas para, com muito humor, expor-se ao ridículo diante da perspicácia com que seu interlocutor consegue defender-se e expor a fragilidade dos argumentos do viajante. Aparentemente irmanado com o leitor por meio dos preconceitos da sua época (e ainda em parte nossos), Mário passa em seguida a expor esse mesmo leitor ao seu próprio preconceito. Operação fundamental para provocar o reconhecimento das diferenças culturais e da dignidade dos seus portadores sociais.

### III

“Quanto a este mundo de águas é o que não se imagina. A gente pode ler toda a literatura provocada por ele e ver todas as fotografias que ele revelou, se não viu, não pode perceber o que é.”<sup>55</sup> A afirmação ao amigo Manuel Bandeira na carta que nos serve de guia parece recolocar um dos *tropos* da literatura de viagem<sup>56</sup> e que orientou a formação de uma disciplina tão estreitamente ligada a ela, como a antropologia: a condição de estar lá – o “*being there*” de que fala criticamente Clifford Geertz<sup>57</sup>. É verdade que Mário de Andrade deu o subtítulo de “viagem etnográfica” apenas ao relato da viagem ao Nordeste, de 1928 – 1929. E também que valorizava o trabalho de etnógrafo na coleta de material musicológico e folclórico, o que terá concorrido para o papel proeminente que teve na criação tanto da Sociedade de Etnografia e Folclore, em 1936, com Dina Lévi-Strauss, quanto da Missão de Pesquisas Folclóricas, em 1938, no âmbito do Departamento de Cultura de São Paulo, de que já se deu notícia.

Todavia, a ideia de “etnografia” mobilizada precisaria ser mais bem qualificada para fugir da tentação de tomá-la de modo teleológico, em Mário de Andrade, meramente como precursora da disciplina de mesmo nome, ou sua prática no âmbito da antropologia como disciplina que se institucionalizava a partir da década de 1930 no Brasil. E

54 ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*, op. cit., p. 116-118.

55 Idem, *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, op. cit., p. 346.

56 HANNE, Michael (org.). op. cit.

57 GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas. O antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

tampouco ela há de significar a mesma coisa nos diferentes contextos de práticas e de narrativas em que é empregada, mesmo por Mário de Andrade<sup>58</sup>. Assim, me parece que o subtítulo escolhido para o relato da sua viagem ao Nordeste tem em geral direcionado a crítica a uma valorização do pioneirismo etnográfico do autor, quando não a uma assimilação do tema da viagem em geral em sua obra a essa sua forma particular – ainda que Mário evidentemente estivesse interessado em recolher material musical amazônico, como exemplifica o contato que manteve com o prefeito de Humaitá, o poeta Sérgio Olindense. Mesmo quando se tratou de ponderar o uso paródico que Mário de Andrade teria feito da “etnografia” nas viagens à Amazônia e ao Nordeste, a tendência geral tem sido não apenas assimilar a primeira à segunda viagem, como se uma mesma ideia de etnografia e uma mesma ideia de viagem estivessem em jogo num e outro caso, como também reificar sua confluência para a afirmação de um mesmo regime de autoridade etnográfica.

A própria afirmação de Mário ao amigo Bandeira (“se não viu, não pode perceber o que é”) pode ser relativizada. Sequer a condição do “estar lá” que parece sustentá-la é tão estável como poderia parecer à primeira vista. Já na primeira entrada do diário da viagem à Amazônia identificada como redigida ainda em São Paulo em 7 de maio de 1927, aparece afirmação oposta. Derivada da contraposição entre o que chama de “consciência lógica” e “consciência poética”, trabalhada noutros textos, Mário afirma que, para ele, as “reminiscências de leitura me impulsionaram mais que a verdade”<sup>59</sup>. O que procura sugerir é que quando visitamos algum lugar pela primeira vez, embora essa possa ser uma experiência única, nunca será inteiramente direta, sem mediações, pois sempre levamos conosco representações desse lugar e mesmo lembranças próprias ou alheias colhidas em leituras e conversas. E mais ainda, essas lembranças (as “reminiscências”) – que não são necessariamente “lógicas”, mas “poéticas” também – podem ser mais fortes ou contundentes do que aquilo que, enfim, constatamos *in loco* ao chegarmos ao nosso destino de viajantes. Vejamos o trecho completo destacado:

Partida de São Paulo. Comprei pra viagem uma bengala enorme, de cana-da-Índia, ora que tolice! deve ter sido algum receio vago de índio [...] Sei bem que esta viagem que vamos fazer não tem nada

58 Sobre a etnografia nos anos 1920, consultar STOCKING JR., George W. The Ethnographic Sensibility of the 1920s and the Dualism of the Anthropological Tradition. In: \_\_\_\_\_. *Romantic Motives. Essay on anthropological sensibility*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1996. p. 208-276.

59 ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*, op. cit., p. 51.

de aventura nem perigo, mas cada um de nós, além da consciência lógica possui uma consciência poética também. As reminiscências de leitura me impulsionaram mais que a verdade, tribos selvagens, jacarés e formigões. E a minha laminha santa imaginou: canhão, revólver, bengala, canivete. E opinou bengala.<sup>60</sup>

Essa ambiguidade, como outras em Mário de Andrade, é cheia de consequências, no caso para a compreensão do tema da viagem, e não devemos nos apressar para aparar suas arestas. Assim, foi também movido pelas suas leituras que Mário fez sua viagem para a Amazônia, região com a qual tinha ligação sentimental e intelectual antiga, como observamos. Lembremos, por exemplo, que quando da sua viagem, em 1927, já havia pelo menos uma redação adiantada de *Macunaíma* que viria a público no ano seguinte – todo ele construído pela bricolagem de materiais de toda sorte e de escritos alheios diversos<sup>61</sup>. Entre eles, os mais conhecidos são os mitos e lendas colhidos entre os Taulipangs e Arecunás do extremo Norte do Brasil, Guianas e Venezuela por Koch-Grünberg coligidos em *Von Roraima zum Orinoco*<sup>62</sup>. Mário de Andrade também dialogou, ainda que sem necessariamente nomear diretamente seus interlocutores, com as representações da Amazônia produzidas pelos viajantes naturalistas europeus ou brasileiros, também elas apropriadas e traduzidas em momentos diferentes por cientistas, como Carlos Chagas, e escritores, como Euclides da Cunha. Voltaremos a esse debate com os viajantes amazônicos adiante.

Observe-se, no momento, o quanto a afirmação do papel das leituras na modelagem da experiência da viagem, etnográfica ou não, relativiza não apenas a autoridade advinda do “estive lá”, como a própria oposição entre este e um “*being here*” – na imagem de Geertz sobre a antropologia a que se recorreu anteriormente. No prefácio que escreveu para *O turista aprendiz*, no qual se define, paradoxalmente, como um “antiviajante”, Mário de Andrade observa que durante a viagem esteve “muito resolvido a [...] escrever um livro modernista, provavelmente mais resolvido a escrever que a viajar, tomei muitas notas [...]. Se gostei e gozei muito pelo Amazonas, a verdade é que vivi metido comigo por todo esse caminho largo de água”<sup>63</sup>. Se Mário tomou ou não essas notas em cadernos e papéis soltos durante a viagem como afirma, não se pode

60 Idem, ibidem.

61 SOUZA, Gilda de Mello. op. cit.

62 LOPEZ, Telê P. A. *Mario de Andrade: ramais e caminhos*, op. cit.

63 ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*, op. cit., p. 49.

aféir, uma vez que aqueles originais de 1927 não são conhecidos, a exceção de algumas notas apenas ao conteúdo datilografado e prefaciado em 1943. Mas isso importa menos do que o reconhecimento que provoca sobre o tipo de viajante em que se forja, carregando suas leituras (de “gabinete”) para a Amazônia (o “campo”, para abusar do paralelo com a etnografia), e ambos para a escrita do relato de viagem, tudo isso fazendo parte de um mesmo processo de conhecimento.

Na mesma direção, outro exemplo, é a crítica ao guia *Itinerário de Paris*, de Dante Costa publicada no jornal *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 31 de março de 1940<sup>64</sup>. Nela, Mário de Andrade desenvolve a ideia de “conhecimento sensível” que torna relativa a autoridade derivada diretamente do conhecimento empírico do “estar lá”. Vamos nos deter um pouco nesse texto. Na construção do argumento e nos recursos retóricos de que Mário de Andrade lança mão para expô-lo, bastante característica da sua reflexão, entram, calculadamente, doses de dissimulada autocomiseração, fina ironia, algum recalque e por que não também algum ressentimento. Isso exige do leitor do diário, como da obra de Mário de Andrade como um todo, disposição para uma leitura atenta para as armadilhas da narrativa.

No primeiro movimento, Mário observa que não ter conhecido Paris parecia constituir, para ele e para qualquer intelectual da sua época, quase um defeito moral, uma verdadeira tragédia, dado que a capital francesa era então também a capital cultural da América Latina. Convivendo com artistas e intelectuais que conheciam Paris como “a palminha das mãos e a quem o ambiente espiritual parisiense era uma força quotidiana de pensamento”, não raro se viu figurando como provinciano, e sua autoridade intelectual desaparecer diante de um simples “Você diz isso porque nunca esteve em Paris!”. Completando o quadro, observa que uma vez Paulo Prado inventou que ele, Mário, chegando da Europa, ainda a bordo, com os braços no ar, gritava e gesticulava freneticamente para os colegas modernistas que o esperavam no cais do porto: “Está tudo errado, rapaziada! Vamos recomeçar que agora eu sei direito as coisas!”. Mas como esclarece, o que o aborrecia mesmo é que esse tipo de acusação ocorria sempre que algum dos seus interlocutores “fosse levado à parede com minha lógica livresca”, e “lá vinha minha ignorância de Paris como argumento de salvação”<sup>65</sup>.

---

64 ANDRADE, Mário de. *Vida literária*. Pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas de Sonia Sachs. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1993. p. 170-174.

65 Idem, ibidem, p. 170.

Isso anuncia o segundo movimento que se abre com a afirmação de que é “um forte engano isso de imaginarem que nunca estive em Paris”, porque, afinal, seria impossível a existência de um intelectual nos tempos que corriam, “ao qual as exigências de sua própria cultura não tenham dado o sentimento de Paris”<sup>66</sup>. Explicando esse “conhecimento sensível”, ou essa “presciênciа sensível” como também o designa, não se trataria de uma mera derivação da leitura das descrições das experiências dos outros, mas antes, paradoxalmente, de nós mesmos. Diz Mário:

É a nossa inteligência, a nossa cultura e especialmente a nossa sensibilidade que, reagindo sobre dados menos didáticos e mais reais que uma descrição ou crítica, por exemplo, uma fotografia, um telegrama de jornal, um suspensório, um livro, um perfume, um selo de correio, e milhares de outros retalhos do concreto, até mesmo uma carta geográfica, provocam esse conhecimento sensível, que é a nossa própria realidade. Pode ela estar afastadíssima do real verdadeiro, nós jamais a abandonaremos nem mesmo depois de confrontada com a realidade. Para nós ela será sempre o real mais verdadeiro.<sup>67</sup>

Desdobramento interessante da questão são as sensações que a leitura dos relatos de viagens dos outros sobre lugares que visitamos podem nos causar. Observa Mário, noutro artigo, publicado em sua coluna Táxi no *Diário Nacional*, em 5 de dezembro de 1929, a propósito de um livro de Gastão Cruls sobre a Amazônia, que essa experiência pode causar duas formas de prazer, “conforme o lido já foi visto ou não”. Se já visto, esclarece Mário, “as frases se endereçam pro corpo da gente, a atividade intelectual quase se anula diante da força associativa das sensações refeitas”<sup>68</sup>. Nesse caso, prossegue, a “gente permanece porventura mais afastado do escritor, porém certamente mais exato com a verdade. Isso está sucedendo comigo que através da escritura de Gastão Cruls ando agora numa reviagem dolente e muito sensível pela Amazônia que eu vi”<sup>69</sup>.

Mais do que um jogo de palavras com o título do livro de Cruls, *A Amazônia que eu vi*, a ideia de Mário de uma “reviagem dolente e muito sensível” deve ser levada a sério, tanto que o autor se esforça por

---

66 Idem, ibidem.

67 Idem, ibidem, p. 170-171.

68 Idem, ibidem, *Táxi e crônicas no Diário Nacional*, op. cit., p. 163.

69 Idem, ibidem.

qualificá-la a partir da distinção entre duas categorias em geral sobrepostas: “verdade” e “evidência”. Diz Mário:

A verdade é um destino da inteligência, é, por assim dizer, uma assombração metafísica e pra lhe caracterizar a irrealidade terrestre criou-se uma outra palavra, “evidência”, experimental, objetiva. Que a Amazônia seja bonita pode ser uma verdade mas que ela designe a região do rio Amazonas é uma evidência.<sup>70</sup>

Justamente por isso, explica, o “indivíduo viajado” pode estar destituído da “verdade”, embora possuindo uma “evidência do mundo que viajou”. Nesse ponto vale fazer um pequeno parêntese para flagrar mais uma das ambiguidades de Mário de Andrade a respeito do tema, deliciosas, por certo, pois sempre, em alguma medida, algo autoconscientes e mesmo autoirônicas. Também ele não teria resistido a lançar mão do que chama de “preconceito do homem viajado”, e do qual tantas vezes fora vítima. O episódio que nos interessa é narrado no artigo sobre a Amazônia citado, no qual observa que, mesmo que o argumento do “indivíduo viajado” possa estar inteiramente equivocado, ainda assim a autoridade conferida pelas viagens – a do *“being there”*, ou, como prefere o próprio Mário, a do “ter estado lá” – é sempre potente, e uma verdadeira “volúpia”. Diz o autor:

Percebi isso muito bem no dia que passaram aqui o filme do general Rondon, sobre o extremo Norte da Amazônia. Tinha muita criança das escolas no teatro. E tanto uns sujeitos semissabidos comentaram errado certas coisas ao pé de mim que não me contive e virtuosamente corrigi uma tolice grande. Continuou a correção, um diálogo curto que me levou ao sublime “já estive lá”. Ninguém mais não disse nada, a não ser um menino que, feitas as luzes pra mudança de rolo, olhou e sorriu pra mim. É incontestável que se o Santa Helena desabasse, o menino se salvava porque eu “tinha estado lá” e estava ali. Com a mudança que a idade trás pras ideias, eu bem sabia que todos os meus vizinhos estavam na mesma ordem de... sensibilidade que o menino. Eu, calmo feito um rei.<sup>71</sup>

---

70 Idem, ibidem, p. 163-164.

71 Idem, ibidem, p. 164.

A gente já sabe da monotonia porém monotonia é a palavra mais estúpida deste mundo. Tem monotonias insuportáveis e tem monotonias que a gente não se cansa de gozar. Assim esta do Amazonas. Tem uma variedade prodigiosa se a gente põe reparo nela. E se não põe e se deixa prender por ela então é uma gostosura niilizante como não se pode imaginar outra, é sublime.<sup>72</sup>

Assim, Mário de Andrade relata a Manuel Bandeira suas impressões do rio Amazonas. Chama a atenção, no trecho destacado, a referência ao tema da “monotonia” da planície amazônica, de suas massas hídrica e vegetal e a lentidão dos ritmos equatoriais, verdadeiro *tópoi* da literatura e ensaística amazônica<sup>73</sup>. Por isso mesmo não é simples afirmar se Mário estava pensando em algum autor em particular quando se refere a esse conhecimento prévio sobre a monotonia equatorial (“A gente já sabe da monotonia”). Mas, indícios textuais no relato de viagem e outros escritos amazônicos apontam para uma interlocução, embora não nomeada, privilegiada com Euclides da Cunha, autor que não apenas Mário conhecia muito bem, mas cujos escritos amazônicos já representavam, àquela altura, verdadeiro paradigma de interpretação da região, para não falar de seu impactante *Os sertões*, de 1902.

A monotonia do rio Amazonas e o desapontamento por ela desperado aparecem com força nos escritos de Euclides da Cunha. O tema já abre “Terra sem história (Amazônia)”, um dos seus textos que, talvez, viria a formar o eixo do livro que jamais escreveu sobre a região, mas para o qual chegou a escolher o título de *Paraíso perdido*. Diz Euclides:

Ao revés da admiração ou do entusiasmo, o que sobressalta geralmente diante do Amazonas, no desembocar do dédalo florido do Tajapuru, aberto em cheio para o grande rio, é antes um desapontamento. A massa de águas é, certo, sem par, capaz daquele *terror*, a que se refere Wallace; mas como todos nós desde mui cedo gizamos um Amazonas ideal, mercê das páginas singularmente líricas de

<sup>72</sup> Idem, *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, op. cit., p. 346.

<sup>73</sup> ROSS, Peter. op. cit.; SCHWEICKARDT, Júlio; LIMA, Nísia Trindade, op. cit.; BAS-TOS, Elide Rugai; PINTO, Ernesto Renan M. F. op. cit.; HARDMAN, Francisco Foot. op. cit.; LIMA, Nísia Trindade; BOTELHO, André. op. cit. Sobre Euclides ver ainda: GALVÃO, Walnice Nogueira. *Euclidiana. Ensaios sobre Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

não sei quantos viajantes que desde Humboldt até hoje contemplam a *Hylae prodigiosa*, com um espanto quase religioso – sucede um caso vulgar de psicologia: ao defrontarmos o Amazonas real, vemo-lo inferior a imagem subjetiva há longo tempo prefigurada.<sup>74</sup>

Euclides voltou ao tema outras vezes, inclusive em seu discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, em 18 de dezembro de 1906, no qual relata o desapontamento que a princípio a Amazônia lhe causara, a começar pelo rio Amazonas. Ele o imaginara grandioso, mas o achava pequeno, um verdadeiro diminutivo do mar, mas sem as ondas, a profundidade e o mistério deste: “Uma superfície líquida, barrenta e lisa, indefinidamente desatada para o norte e para o sul, entre duas fitas de terrenos rasados, por igual indefinidos, sem uma ondulação ligeira onde descansar a vista”<sup>75</sup>. Como Mário de Andrade em relação a Euclides da Cunha (e outros autores), o que acabou sendo desmentido no viajante Euclides, ao menos a princípio, foram as impressões formadas a partir das leituras dos relatos de viagem à região. E são muitos os viajantes citados por Euclides, a começar por Alexander von Humboldt, William Chandless, Alfred Wallace, Frederick Hartt, Walter Bates, Alexandre Rodrigues Ferreira e Tavares Bastos, entre outros<sup>76</sup>.

Euclides da Cunha conheceu a Amazônia pessoalmente entre 1904 e 1905, em viagem oficial como chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus. Criada pelo Barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores, o objetivo principal dessa comissão era resolver dúvidas relativas às fronteiras entre o Brasil e o Peru, após a cessão do território do Acre pela Bolívia. O relatório enviado ao ministério, e a preparação de mapas para o reconhecimento hidrográfico do Purus, complementados pelos obtidos na expedição ao Juruá realizada pelo coronel Belarmino Mendonça, permitiram a resolução das questões de fronteira entre Brasil e Peru em setembro de 1909<sup>77</sup>.

É muito potente, nos escritos amazônicos de Euclides da Cunha, a tensão entre encantamento imaginário (no “gabinete”) e desilusão

74 CUNHA, Euclides da. Primeira parte. Terra sem história (Amazônia). In: \_\_\_\_\_. *A margem da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 1.

75 Idem, Discurso do Sr. Euclides da Cunha. In: Academia Brasileira de Letras, *Discursos Acadêmicos*. Volume I (1897 – 1919). Rio de Janeiro, 1965, p. 211.

76 HARDMAN, Francisco Foot. op. cit.

77 LIMA, Nísia Trindade. Euclides da Cunha; o Brasil como sertão. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia (orgs.). *Um enigma chamado Brasil. 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 104-117.

empírica (no “campo”) com o cenário amazônico quando observado de perto. Assim, também Euclides parece ter viajado movido, em parte, por suas “recordações de leitura”, para usar a ideia de Mário de Andrade, e com as quais também acabou tendo que acertar contas. Além de potente e recursiva nos relatos de viagem à Amazônia, porém, a tensão entre imaginação e desilusão pode ser criativa, como me parecem ser os casos de Euclides e Mário, cada um a seu modo. Particularmente importante, no caso do primeiro, é a tentativa de Euclides em produzir um retrato realista da Amazônia baseado na ciência do seu tempo como alternativa ao que considerava serem visões fantasiosas originárias dos relatos dos viajantes dos séculos anteriores. A promessa, no entanto, não pôde se cumprir totalmente, ou, o que talvez seja mais importante ainda, não se realizou exatamente da forma planejada: a Amazônia não parece ter se deixado esquadrihar e disciplinar inteiramente do ponto de vista científico defendido por Euclides. Por isso, seus textos não deixam de sublinhar também os elementos surpreendentes, difíceis de serem explicados pelo arsenal de conhecimentos de que o autor dispunha. Daí as imagens imbricadas de uma natureza fantástica e enigmática e de uma sociedade que pareciam capazes de colocar em xeque teorias então correntes que Euclides acabou deixando em seus escritos, e às quais, numa mescla entre ciência e imaginação, devem um bocado da sua força expressiva e interesse ainda hoje. O real fantástico que de alguma forma escapa à ciência de Euclides da Cunha e sobra em seus textos amazônicos é tomado em Mário de Andrade, em grande medida, como ponto de vista do seu relato de viagem.

Se a tensão entre imaginação (no “gabinete”) e desilusão (no “campo”) não perfaz necessariamente um jogo de soma zero, nem sempre a desilusão leva à frustração do viajante. Assim, por exemplo, a representação da região como vazio social a que Euclides da Cunha chegou a aderir inicialmente é contestada após a sua viagem; a qual não o permitiu também continuar ignorando o genocídio dos povos indígenas praticado na região desde o período colonial, bem como as terríveis condições de trabalho a que eram submetidos os sertanejos brasileiros, expulsos pelas secas do Nordeste e atraídos à Amazônia pelo ciclo da borracha. Outras vezes, por outro lado, a imaginação pode sempre ser acionada, inclusive como modo de aperfeiçoamento do olhar e de reenquadramento de uma realidade que decepciona. Euclides se reconcilia com a paisagem amazônica após a leitura da monografia do botânico Jacques Huber e de uma visita ao Museu do Pará (atual Museu Paraense Emílio Goeldi) que

Ihes ensinam a ver de novo a Amazônia, de tal modo que, ao contemplar novamente o rio, afirmou sentir-se como que diante uma página inédita do *Gênesis*<sup>78</sup>.

Voltamos a Mário de Andrade e ao “diálogo” com Euclides da Cunha. Também a esse respeito, as ambiguidades de posições no relato de viagem e outros escritos amazônicos seus mostram-se fundamentais. Diferente do que relata na carta a Manuel Bandeira, por vezes Mário se mostra decepcionado com o Amazonas e a monotonia equatorial. Em “Amazônia”, artigo publicado em 1929 na coluna Táxi que manteve no *Diário Nacional*, por exemplo, rememorando suas lembranças do rio Amazonas, fala da “decepção desagradável” que teria experimentado diante da embocadura do rio Amazonas, em termos, que praticamente, repetem o trecho referido por Euclides da Cunha. A grandeza sublime do rio apreendida nos livros discrepante inteiramente, observa Mário, da “aguinha suja” que viu pessoalmente, e decide, então, por seu retorno a sua presciência sensível do Amazonas, “única que sempre existiu para a minha realidade, única verdadeira”<sup>79</sup>.

Todavia, essa aparente convergência com Euclides esconde uma divergência fundamental: no caso de Mário de Andrade, a “decepção desagradável” diante da paisagem natural, cuja visão exuberante fora cultivada nos livros, parece constituir também recurso crucial de contraposição à ideia de exotismo associada à de exuberância e monumentalidade da natureza, reiterada em Euclides. Daí o seu uso todo particular do diminutivo com que qualifica o Amazonas que viu pessoalmente, aquela “aguinha suja”<sup>80</sup>. A ironia fina que qualifica as categorias empregadas indica a relativização implicada nas sentenças bem meditadas de Mário de Andrade. Assim, se afirma ter preferido ficar com as imagens dos rios amazônicos aprendida nos livros, também não se deixou levar inteiramente por elas. Procurou antes divisar nas aparentes monumentalidade e monotonia da natureza o cotidiano das comunidades e muita história, por oposição à ideia de “povo sem história” de Euclides. E aí volta novamente a posição da carta a Manuel Bandeira.

Mais uma vez num diálogo não declarado, Mário procura fugir da polaridade euclidiana entre monumental (natureza) e vazio (histórico e social), “entre o *infinito* e o *infinitesimal*” como disse um crítico

---

78 Idem. HARDMAN, Francisco Foot. op. cit.

79 ANDRADE, *Táxi e crônicas* no *Diário Nacional*, op. cit., p. 171.

80 Idem, ibidem.

de Euclides da Cunha<sup>81</sup>. Como na distinção que o turista aprendiz modernista faz entre “rios grandes” e “igarapés” para divisar história e relações sociais próprias para além da monumentalidade e aparente monotonia da natureza aquática amazônica. Enquanto os primeiros, como o Amazonas e o Madeira, seriam monótonos (“mato vasto e conhecido pareando o beira-rio”), os igarapés, por sua vez, embora menores, seriam mais misteriosos e sugestivos. Os igarapés guardariam um “mundo enorme de sugestões de boniteza, de prazer de aventura, de desejos viciosos de mistério, crime, indiada, nirvanização<sup>82</sup>. E prossegue na comparação: “Uma calma humana sem aquela ostensividade crua e muito sobrenatural dos rios grandes [...]. Dá uma vontade louca da gente se meter igarapé acima, ir ter com não sei que flechas, que pajés, que êxtases parados de existir sem nada mais. E a maleita”<sup>83</sup>.

E para enfrentar o legado euclidiano com que também viajara a Amazônia, além de outras possíveis reminiscências de leituras, para transpor a sua aparência monumental e monótona, Mário de Andrade contou também com a ajuda inestimável da sua Kodak – brasileiramente rebatizada de “Codaque”. Mário de Andrade foi fotógrafo autodidata, mas não simplesmente amador, uma vez que ultrapassou o mero registro pessoal, ou o seu sentido, dedicando-se a estudar a fotografia como linguagem artística, explorando enquadramentos e composições. Na viagem à Amazônia Mário fez mais de quinhentas fotografias, ou “fotou”, segundo o verbo que também inventou. De volta a São Paulo, ainda em 1927, põe-se a catalogar as imagens reveladas em preto-e-branco anotando legendas no verso, transpondo as informações colhidas *in loco*, mas, também, no segundo momento, glosando as representações e o exercício fotográfico. Este material, como nos sugere Telê Porto Ancona Lopez, configuraram um diário ao lado e por dentro do diário-texto de *O turista aprendiz*:

O diário das imagens e legendas, que funde testemunho e arte-fazer, possui vertentes que se interpenetram, concernindo ao registro do cotidiano do grupo de amigos, do espaço e da vida do

81 HARDMAN, Francisco Foot. op. cit., p. 63.

82 ANDRADE, *Táxi e crônicas* no Diário Nacional, op. cit., p. 453.

83 Idem, ibidem.

homem na Amazônia, assim como àquela dimensão que põe Mário de Andrade em destaque – a experimentação artística.<sup>84</sup>

As representações de Euclides da Cunha da Amazônia não são, porém, simplesmente confrontadas e menos ainda descartadas por Mário de Andrade, assim como aquelas produzidas pelos viajantes-cronistas naturalistas também não puderam sê-la inteiramente pelo próprio Euclides. Forma-se um diálogo denso, nem sempre nomeado, por dentro dos tropos há muito construídos sobre a Amazônia na chave do real-maravilhoso naturalista de Euclides e expressionistamente transfigurado em Mário. O sublime da paisagem, a natureza que esconde ao mesmo tempo o deslumbramento e o horror, a lentidão dos ritmos equatoriais, a monotonia da planície amazônica e outras imagens persistem plasticamente. As categorias desse repertório amazônico podem, assim, ser repostas, mas com sentidos diversos, mesmo quando o objetivo declarado seria desestabilizá-las, como no caso de Mário de Andrade em relação à longa tradição de representações amazônicas.

## V

Um corpo a corpo com o texto e outros materiais de pesquisa envolvidos constitui alternativa à busca de unidades estáveis entre, de um lado, o relato da viagem à Amazônia de Mário de Andrade e, de outro, uma “tradição” do gênero literatura de viagem ou mesmo o relato da sua viagem etnográfica ao Nordeste. As contingências da viagem jogam papéis decisivos no tipo de relato que acaba se forjando, ainda que a experiência do narrador-viajante seja sempre mediada pelas leituras que modelam seu horizonte de expectativas. Persiste certa melancolia entre o visto (em campo) e o lido (no gabinete), ainda que o humor e a ironia sejam mobilizados como recursos críticos.

Figurações da viagem e do narrador que, como no caso central dos narradores de Machado de Assis na prosa brasileira, parecendo viajar ao redor de si mesmos, ganham autorreflexividade, volubilidade e perspectiva crítica<sup>85</sup>. Internalizada como procedimento narrativo, a viagem pode ser relatada por autores pouco afeitos, eles mesmos, aos deslocamentos no espaço, como os próprios Machado e Mário. É que é mesmo

84 LOPEZ, Telê P. A. *O Turista Aprendiz na Amazônia*: a invenção no texto e na imagem, op. cit., p. 142.

85 SÜSSEKIND, Flora, op. cit., p. 155-155.

pouco, como afirma Lévi-Strauss no trecho tomado como epígrafe deste ensaio<sup>86</sup>, pensar a viagem apenas como deslocamento no espaço; ela sempre envolve também descolamentos no tempo e na hierarquia social, como bem mostra a parcialidade do narrador de *O turista aprendiz*.

A valorização analítica das contingências, das parcialidades e ambiguidades envolvidas na viagem e na modelagem do relato e do viajante amazônicos forjados permite ainda uma aproximação ao caráter mais plural e polifônico que caracteriza a obra de Mário de Andrade como um todo. Como contrapontos musicais que querem significar, acima de qualquer coisa, que nem tudo deve fechar-se num sentido único. Como tão bem expressam suas posições em relação ao relato de viagem, às tensões entre o lido e o visto, à empatia com o “outro”, ao êxtase e monotonia da paisagem e aos sentidos da civilização nos trópicos.

Relatos de viagem são bons para pensar complexos de relações de deslocamentos e alteridades de sujeitos, de culturas, de sociedades. Relações por meio das quais, perguntas fundamentais sobre matrizes civilizacionais podem ser feitas e também se redefinem as experiências sociais dos atores, inclusive a sua modelagem como indivíduos<sup>87</sup>. Como toda viagem é também uma viagem para dentro de si mesmo, por certo o tema da alteridade na viagem amazônica de Mário de Andrade também se relaciona com as transformações radicais por que passava a sua própria sociedade “paulista”, como a chama, com o avanço do capitalismo industrial, urbanização acelerada e a rápida substituição e homogeneização de padrões de temporalidade, de sociabilidade, de práticas e de valores sociais, processo de que se fez crítico.

Como a história e o processo social, no entanto, também as viagens nem sempre precisam ser uma via de mão única. É possível qualificar a abertura de perspectivas que tem lugar entre raízes e rotas. Mais do que comprovar o que a tradição crítica foi assentando com o tempo sobre o modernismo, os relatos de viagem de Mário de Andrade podem, ainda, contribuir com o esforço de distanciamento para explorar os seus limites e potencialidades, bem como formas alternativas de entender as ideias do autor e as dinâmicas de mudança da própria sociedade da qual faz parte. Assim, mais do que no tema da “identidade nacional”, ou da “autenticidade” da cultura brasileira, para dar dois exemplos emblemáticos e recursivos na fortuna crítica, temos muito ainda a aprender

86 LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 81.

87 ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Através do espelho: subjetividade em *Minha formação*, de Joaquim Nabuco. *Rev. bras. Ci. Soc.*, vol. 19, n. 56, p. 5-15, out. 2004.

com o gesto, o movimento, o sentido que o animava – ambigamente como vimos no relato amazônico. Se Mário valorizou a cultura popular, ou buscou diluir criticamente as fronteiras entre erudito e popular, o interesse da sua contribuição não se limita às manifestações que colheu ou colecionou, mas antes no reconhecimento que delas provocou e na dignidade que conferiu a seus portadores sociais. Reconhecimento e dignidade são elementos centrais da “utopia amazônica” de Mário de Andrade de uma civilização mais plural. São também desafios perenes em nossa sociedade.

## Sobre o autor:

### **André Botelho**

Professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Sociologia e doutor em Ciências Sociais (Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, SP, Brasil). Pesquisador do CNPq (Bolsista de Produtividade em Pesquisa – Nível 1D) e da Faperj (Jovem Cientista do Nosso Estado).

E-mail: andrebotelho@digirotas.com.br

